

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VINÍCIUS SOARES CORDEIRO

**CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS DOS GOLEIROS
DAS CATEGORIAS SUB 15, 17 E 20 DE UM CLUBE PROFISSIONAL DA CIDADE
DE FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis
2018

Vinícius Soares Cordeiro

**CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS DE GOLEIROS
DAS CATEGORIAS SUB 15, 17 E 20 DE UM CLUBE PROFISSIONAL DA CIDADE
DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Fernandes da Silva

Co-orientadora: Prof. Chellsea Hortêncio Alcântara da Silva

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra

Cordeiro, Vinícius Soares
CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS DOS
GOLEIROS DAS CATEGORIAS SUB 15, 17 E 20 DE UM CLUBE
PROFISSIONAL DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS / Vinícius Soares
Cordeiro ; orientador, Juliano Fernandes da Silva,
coorientadora, Chellsea Hortêncio Alcântara da Silva, 2018.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Ações de jogo. 3. Goleiro de
futebol. 4. Scout de futebol. I. Silva, Juliano Fernandes
da. II. Silva, Chellsea Hortêncio Alcântara da. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. IV. Título.

Vinícius Soares Cordeiro

**CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS DE GOLEIROS
DAS CATEGORIAS SUB 15, 17 E 20 DE UM CLUBE PROFISSIONAL DA CIDADE
DE FLORIANÓPOLIS**

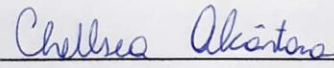
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Bacharelado em Educação Física" e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 9,5.

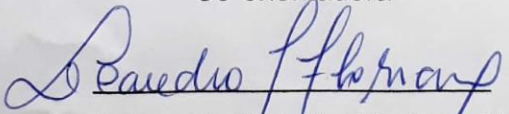
Florianópolis, 26 de junho de 2018.

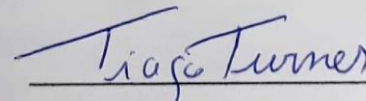
Banca Examinadora:

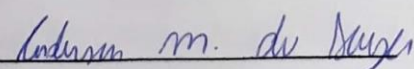

Prof. Juliano Fernandes da Silva, Dr.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.ª Chellsea Hortência Alcântara da Silva,
Co-orientadora


Prof. Leandro Teixeira Floriano, Me.
Universidade do Estado de Santa Catarina


Prof. Tiago Turnes, Dr.
Universidade do Estado de Santa Catarina


Prof. Anderson Moreira de Souza.

AGRADECIMENTOS

Nesta página, gostaria de expressar os meus agradecimentos a todos os que tornaram possível, pela sua participação ou incentivo, a realização deste estudo:

A todos os professores que ao longo da graduação contribuíram para minha formação com seus saberes e orientações, em especial ao Professor Doutor Juliano Fernandes da Silva, por ser um profissional coerente, sempre extraindo o melhor do aluno, explorando seu potencial, e também por ter aceitado e se dedicado na orientação desse estudo.

A mestranda Prof^a. Chellsea Hortência Alcântara da Silva pela coorientação e disposição para auxiliar na construção deste trabalho.

Ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (NUPEDEFF) por possibilitar o estudo do futebol com mais qualificação e conhecimento para o desenvolvimento da modalidade na universidade.

Aos meus pais, irmãos e à Thaya, pelo seu AMOR, dedicação e esforço.

Aos amigos Anderson Moreira, Bruno Santos, Lucas Lício e Ronaldo Matias por oportunizar experiências enriquecedoras para a formação e pela amizade.

E por fim, e o agradecimento mais importante A Deus, por me possibilitar a experiência de ser goleiro.

RESUMO

O goleiro de futebol é caracterizado por uma série de particularidades que não se restringem apenas em evitar o gol adversário. Para desempenhar tal função, o mesmo deverá reunir diversas qualidades, além de requerer capacidade de atenção múltipla e valências físicas como flexibilidade, agilidade, potência muscular e velocidade de reação, no qual resultará em seu desempenho dentro de campo. Essas ações são específicas e variam de acordo com as circunstâncias, o momento, a categoria em que o goleiro se encontra e o modelo de jogo da equipe. Assim o objetivo deste estudo foi caracterizar e comparar as ações ofensivas e defensivas de goleiros de futebol nas categorias sub 15, 17 e 20 de um clube da cidade de Florianópolis durante o campeonato estadual de 2017. Foi utilizada uma metodologia de análise observacional, quantificando as ações ofensivas e defensivas a partir de um Scout, relatando os 7 primeiros jogos de cada categoria. Após análise descritiva dos dados para obter os valores médios, as ações dos goleiros foram comparadas entre categorias por meio de ANOVA *one-way*. O teste T de Student foi usado para comparação entre o primeiro e segundo tempo em cada categoria. Os principais achados foram que em média as categorias sub 20, sub 17 e sub 15 realizam 48,57, 43,29 e 37,86 ações, respectivamente. A variável defesa frontal média da categoria sub 20 foi significativamente maior no segundo tempo de jogo, enquanto a reposição com as mãos da categoria sub 17 foi significativamente maior no primeiro tempo ($p < 0,05$). A variável posição de expectativa da categoria sub 20 também apresentou diferença significativa em relação as categorias sub 15 e 17 ($p < 0,05$). Conclui-se que as ações que mais ocorreram foram Reposição com os pés, posição de expectativa e reposição com as mãos, logo o fundamento ofensivo é tão importante quanto uma ação defensiva. Os goleiros da categoria sub 20 realizam mais posições de expectativa que as outras duas categorias, aumentando assim o número médio de ações por jogo. Por fim, as ações de jogo ocorrem de maneira irregular dentro da partida, tanto no número de ações praticadas como no tempo em que ocorreram.

Palavras-chave: Ações de jogo. Goleiro de futebol. Scout de futebol.

ABSTRACT

The goalkeeper of soccer is characterized by a series of peculiarities that are not restricted to avoid the opponent's goal. In order to perform such a function, it should have several qualities, besides requiring multiple attention capacity and physical valences such as flexibility, agility, muscular power and reaction speed, which will result in its performance in the match. These actions are specific and vary according to the circumstances, the moment, the category in which the goalkeeper is and the team's game model. The objective of the present study was: to characterize and compare the offensive and defensive actions of soccer goalkeepers in under 15, 17 and 20 categories of a club in the city of Florianópolis during the state championship of 2017. A methodology of observational analysis was used, quantifying the offensive and defensive actions from a Scout, reporting the first 7 games of each category. After descriptive analysis of the data to obtain the mean values, the actions of goalkeepers were compared among categories by means of one-way ANOVA. The Student's T test was used to compare the first and second time in each category. The main findings were that the sub 20, sub 17 and sub 15 categories averaged 48.57, 43.29 and 37.86 shares, respectively. The mean frontal defense variable of the sub 20 category was significantly higher in the second play time, while the throw with hands of the under 17 was significantly higher in the first time ($p < 0.05$). The variable position of expectation of the sub 20 category also presented a significant difference in relation to the sub 15 and 17 categories ($p < 0.05$). It is concluded that the actions that occurred most were throw with hands, position of expectation and replacement with the feet, so the offensive basis is as important as defensive actions. Goalkeepers in the Under 20 category hold more expectation positions than the other two categories, thus increasing the average number of actions per game. Finally, actions occurred irregularly within the game, both in the number of actions performed and in the time they occurred.

Keywords: Game actions. Soccer goalkeeper. Soccer Scout.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Posição de expectativa.....	26
Figura 2 – Defesa frontal baixa.....	27
Figura 3 – Defesa frontal média.....	27
Figura 4 – Defesa frontal alta.....	28
Figura 5 – Defesa lateral direita baixa.....	28
Figura 6 – Defesa lateral direita alta.....	29
Figura 7 – Defesa lateral esquerda baixa.....	29
Figura 8 – Defesa lateral esquerda alta.....	30
Figura 9 – Antecipação.....	30
Figura 10 – Enfrentamento.....	31
Figura 11 – Reposição com as mãos.....	31
Figura 12 – Reposição com os pés.....	32
Figura 13 – Divisão da meta em vista vertical.....	32
Figura 14 – Divisão da meta em vista horizontal.....	33
Figura 15 – Média das ações por jogo.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ações defensivas.....	36
Tabela 2 – Ações ofensivas.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS

ANT - Antecipação

DFA - Defesa central alta

DFB - Defesa frontal baixa

DFM - Defesa frontal média

DLDA - Defesa lateral direita alta

DLDB - Defesa lateral direita baixa

DLEA - Defesa lateral esquerda alta

DLEB - Defesa lateral esquerda baixa

ENF - Enfrentamento

PE - Posição de expectativa

RCM - Reposição com as mãos

RCP - Reposição com os pés

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	JUSTIFICATIVA	15
1.2	OBJETIVOS	15
1.2.1	Objetivo Geral	16
1.2.2	Objetivos Específicos	16
1.2.3	Hipótese	16
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
2.1	CARACTERÍSTICAS ANTROPOMÉTRICAS E DE DEMANDA FÍSICA DOS GOLEIROS.....	17
2.2	CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES DOS GOLEIROS DENTRO DA PARTIDA	18
2.3	QUALIDADES E ATRIBUTOS DOS GOLEIRO	20
2.4	GOLEIRO E O MODELO DE JOGO	22
3	MÉTODOS	25
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	25
3.2	POPULAÇÃO E AMOSTRA	25
3.3	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	26
3.4	ANÁLISE DE DADOS.....	33
3.5	TRATAMENTO ESTATÍSTICO	33
4	RESULTADOS	34
5	DISCUSSÃO	37
6	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A - Planilha de registro das ações ofensivas e defensivas	49

1 INTRODUÇÃO

O futebol é uma modalidade desportiva que necessita de onze atletas por equipe, contudo um jogador merece destaque especial: o goleiro. A sua função não se restringe apenas a evitar o gol adversário, sua contribuição é indispensável para a organização tática da equipe, sendo que a sua participação poderá implicar diretamente no resultado partida (GONÇALVES et al., 2016). O goleiro é o último atleta da linha de defesa e o primeiro da linha de ataque, no qual necessita demonstrar alto nível de pró eficiência para desempenhar ações tanto defensivas quanto ofensivas (ZIV; LIDOR, 2011).

A posição de goleiro requer uma capacidade de atenção múltipla, em que deverá atentar-se a bola quando se encontra próxima e distante da meta (SILVA, 2006). Para desempenhar tal função, o mesmo deve reunir diversas qualidades como visão de jogo, coordenar o posicionamento da equipe, noção de tempo e espaço, tomada de decisão, antecipação, saída de gol, reposição com as mãos e pés, bem como características psicológicas, liderança, concentração, coragem, iniciativa, tranquilidade e serenidade (VOSER et al., 2006; GIL et al., 2007). Além disso, para ser capaz de efetivar as suas tarefas dentro de campo, são necessárias valências físicas como flexibilidade, agilidade, potência muscular, velocidade de reação e determinadas características antropométricas (QUEIROZ, 2012).

Os padrões de movimento que o goleiro executa durante a partida variam conforme o período, intensidade do estímulo e ações de jogo. Nesse contexto, quando comparado ao restante da equipe, o goleiro é caracterizado como o atleta com menor número de ações (GOMES; SOUZA, 2008; GONÇALVES et al., 2006). Entretanto quando são avaliados indicadores como impulsão horizontal, vertical e potência muscular, os goleiros apresentam resultados superiores às demais posições, devido a especificidade dos seus movimentos (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999). Nesse sentido é fundamental caracterizar as ações específicas da posição nas mais variadas circunstâncias de jogo, sendo que, a partir desta análise, será possível interpretar a ocorrência das ações, a regularidade em que elas ocorrem e quais os tipos de ações que predominam durante a partida, para posteriormente planejar os treinamentos com cargas próximas aos jogos.

As ações dos goleiros estão associadas a dado momento do jogo, podendo ser classificadas como defensivas: pegada alta no meio, pegada na altura do peito,

encaixe, defesa rasteira no meio, defesa rasteira nas laterais, defesa à meia altura nas laterais, defesa alta no meio, defesa alta nas laterais, defesa com os pés, saídas nos cruzamentos, enfrentamento, penalidade máxima, defesas com formação de barreiras, e ofensivas como: reposição de bola com as mãos, reposição com os pés e passe, sempre caracterizando o início de uma nova jogada (DOMINGUES, 1997; GALLO et al., 2010).

Para exercer tal função, faz-se necessário a aquisição de habilidades específicas da posição e esta inicia-se por volta dos dez anos, entretanto é possível apontar que a iniciação esportiva se dá a partir dos seis anos de idade (GIACOMINI; GRECO, 2008). A partir dos dez anos, o trabalho possui enfoque na familiarização com a bola, com característica de educação física geral para não prejudicar o desenvolvimento motor da criança, resultando em menor participação na partida (QUEIROZ, 2012; VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010;).

Na faixa dos nove aos quatorze anos de idade recomenda-se dar ênfase à melhoria das ações motoras simples, no qual prefere-se dar enfoque no trabalho de coordenação, técnica e de habilidades motoras. O desenvolvimento do gestual técnico é fundamental nessa faixa etária e ainda mais importante para o restante da formação como goleiro, uma vez que a medida que o atleta vá subindo de categoria, a ênfase de trabalho começa a ser em outras valências e não mais na técnica, sendo assim, quanto mais ampla as possibilidades de experiências, melhor para a sua evolução (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010).

Ao atingir os quinze anos de idade o goleiro começa a possuir entendimento mais detalhado da tática da equipe, apresentando-se com maior frequência para receber passes ou realizar uma defesa. É nesta fase em que o goleiro começa a apresentar características antropométricas mais específicas da posição como aumento de massa corporal, estatura e redução do percentual de gordura (BARONI; COUTO; LEAL JUNIOR, 2011; GIACOMINI; GRECO, 2008). Aos dezessete anos o foco do trabalho passa a ser nas situações de jogo, desta maneira, as soluções começam a tornar-se mais simples e o peso da partida começa a não afetar o emocional (GUAMOUN, 2016). Apesar de estar em uma posição difícil, o mesmo tende a procurar com frequência a ótima posição para receber o passe, posicionar-se de maneira com que dificulte a finalização do adversário em situações de um contra um e buscar sair do gol para intervir a bola antes do atacante (GIACOMINI; GRECO, 2008).

Aos vinte anos, o goleiro habitua-se com mais facilidade as situações de jogo, visto que a evolução de seu desempenho beira o ápice, sendo muitas vezes relacionado para treinar com a equipe de profissionais, objetivando situações que tiram da sua zona de conforto. Nesta fase a parte psicológica do goleiro deverá estar preparada para demandas diferentes dos outros jogadores, pelo fato de ser o último atleta da linha de defesa (WEIMBER; GOULD, 2001). As funções exercidas pelos goleiros dentro de campo estão relacionadas com a forma de jogar da equipe, no qual cada situação determinará a ação específica de intervenção. Uma equipe que opta por incluir esse jogador nas funções de transição defesa/ataque irá possuir maior número de ações de jogo em relação a uma equipe que opta por direcioná-lo somente as ações de defesa de meta (ABELHA, 1999). São os treinadores que modificam o modelo de jogo conforme as situações impostas pela partida, sendo assim, para obter vantagem, o goleiro deverá ser capaz de desempenhar o seu repertório de ações em diferentes contextos (JUNIOR, 2014).

A fim de tornar ainda mais clara à compreensão sobre o modelo de jogo, estudos apontam que goleiros apresentam menor conhecimento tático em relação as demais posições de jogo (GIACOMINI; GRECO, 2008). Entretanto, ao avaliar isoladamente o goleiro nas diferentes categorias é possível concluir que quanto mais avançados e próximos a idade adulta, maior o entendimento tático de jogo (GIACOMINI; GRECO, 2008; BERTO; MAGALHÃES, 2008). Nesse sentido, Moino (2011) afirma que mapear a atuação do goleiro dentro do jogo é necessário para analisar a frequência que as ações ocorrem para servir de base para prioridades da comissão técnica e planejamento de conteúdos para formação e preparação desses atletas, objetivando desenvolver atletas mais aptos as exigências de jogo.

Entendendo a diferença entre as ações exercidas pelos goleiros nos diferentes momentos da partida, é possível levantar a seguinte questão: Existe diferença entre as ações dos goleiros nas diferentes categorias sub15, 17 e 20 em uma equipe de futebol?

1.1 JUSTIFICATIVA

Atualmente tratando-se de treinamento esportivo, o futebol tem evoluído com tanta frequência que as exigências de jogo acarretam em maiores rotinas de treinamento, obrigando o treinador a ser um profundo estudioso e aperfeiçoando as suas capacidades. Nesse sentido torna-se cada vez mais necessário quantificar, investigar e discutir pesquisas que possibilitem a construção de programas de treino com cargas mais próximas aos jogos, acarretando na melhora da *performance* do atleta.

Investigar a diferença das ações dos goleiros nas diferentes categorias contribuirá positivamente para o desenvolvimento do tema no meio científico, uma vez que, conhecendo as demandas de jogo, será possível periodizar os treinos conforme a necessidade de cada equipe, dando ênfase aos aspectos mais pertinentes ao desenvolvimento da capacidade competitiva dos goleiros. Os estudos têm comprovado que quando comparado com o restante da equipe, as ações ofensivas e defensivas apresentam-se em menor número, porém a sua intervenção limita-se apenas em evitar o gol da equipe adversária. Quantificar a participação dos goleiros nas partidas nas categorias contribuirá para o aperfeiçoamento dos treinos individualizados dos aspectos técnico/tático, psicológico e emocional, além de auxiliar na melhora do condicionamento físico.

Qualificando o trabalho, o goleiro poderá atuar de maneira efetiva durante a partida e as suas ações de jogo em conjunto com a equipe contribuirão para o sucesso da mesma. A partir deste momento os goleiros começaram a ser mais valorizados e o seu treinamento poderá aproximar-se das situações impostas no jogo, planejando as atividades de acordo com esse contexto. Para o meio científico evoluir nesse quesito, é necessário que o meio acadêmico valorize mais essa área de trabalho, para então aumentar os estudos e a inclusão dos profissionais aos clubes profissionais.

O estudo justifica-se também por um motivo individual do pesquisador, no qual as experiências como goleiro e o interesse em treinar esses jogadores superam as demais áreas de atuação, uma vez que desde o início da graduação buscou interagir e estudar diretamente a modalidade, passando a ministrar treinamento individualizado em estágios.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Caracterizar e comparar as ações ofensivas e defensivas de goleiros de futebol nas categorias sub 15, 17 e 20 em um clube na cidade de Florianópolis durante o campeonato estadual de 2017.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar a frequência em que as ações ofensivas e defensivas ocorrem na partida;
- Comparar as ações em cada categoria no primeiro e segundo tempo.

1.2.3 Hipótese

H1: Goleiros do sub-20 realizam mais ações ofensivas e defensivas comparados as outras categorias (Sub-15 e sub-17).

H2: Goleiros realizam mais ações no primeiro tempo de partida.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo estão apresentados os referenciais teóricos que nortearão a pesquisa. Este está distribuído nos seguintes tópicos: **1- Características antropométricas e de demanda física dos goleiros**, no qual são apresentadas as particularidades dos goleiros, distinguindo a função do goleiro das demais posições. No tópico **2- Caracterização das ações dos goleiros dentro da partida**, procura-se abordar sobre o desempenho técnico dos goleiros dentro de campo, no tópico **3- Qualidades e atributos dos goleiros**, são apresentadas as características e atributos necessários ao goleiro de futebol, e por fim, no tópico **4- Goleiro e o modelo de jogo**, busca-se compreender a atuação do jogador dentro das exigências de cada categoria e como é o seu comportamento comparado com as demais faixas etárias.

2.1 CARACTERÍSTICAS ANTROPOMÉTRICAS E DE DEMANDA FÍSICA DOS GOLEIROS

O futebol é um esporte no qual os jogadores apresentam características que diferem de uma posição para a outra. Do ponto de vista da demanda física, os goleiros tendem a percorrer distâncias menores quando comparados com o restante da equipe, visto que, durante suas principais intervenções, os esforços produzidos são predominantemente anaeróbios, ou seja, a sua função se remete a estímulos de alta intensidade em curto espaço de tempo, no qual as intervenções limitam-se a defesa de meta utilizando quaisquer partes do corpo para entrar em contato com a bola dentro da área restritiva. (BARROS; GUERRA, 2004; GALLO et al., 2010)

Os demais atletas percorrem mais que o dobro da distância percorrida pelos goleiros que é aproximadamente 4 km, sendo que dessa distância 1,3 km são percorridos com o jogador andando, 1,1 km trotando, 500 m em trotes submáximos, 32 m em velocidade máxima e 1 km em movimento para trás aproximadamente (GALLO et al., 2010). Os esforços no tempo total de jogo são predominantemente de natureza aeróbia, devido a intensa movimentação para manter-se aquecido para intervir em determinada circunstância (BANGSBO, 2008). Já na *Premier League* Inglesa os goleiros percorreram em média 5.6 Km, sendo que 4 km foram de caminhadas leves e 1.2 km em trotes (SALVO et al., 2007). Além disso, destaca-se que os valores de consumo máximo de oxigênio (VO_2max), segundo limiar ventilatório

(LV2) e velocidade de obtenção do VO₂max e LV2 dos goleiros são inferiores aos jogadores de linha (BARONI; COUTO; JUNIOR, 2011). Quando comparado a potência anaeróbia máxima é possível constatar essa inferioridade, em que os mesmos apresentam valores abaixo dos jogadores de outras posições (CETOLIN et al., 2013).

Do ponto de vista antropométrico, os achados da literatura indicam que a massa corporal e estatura dos goleiros são em média 82 kg e 1,87 m respectivamente, enquanto os jogadores de linha pesam por volta de 78 kg e medem cerca de 1,80 m respectivamente. Esses valores mais elevados podem ser esclarecidos devido a especificidade da posição, no qual goleiros com alta estatura têm sido selecionados pela vantagem em determinadas situações (BARONI; COUTO; JUNIOR, 2011; BERTO; MAGALHÃES, 2014; CETOLIN et al., 2013).

O percentual de gordura é outro instrumento de avaliação da composição corporal. O que se tem retratado é que quanto mais próximo ao ataque, menor porcentagem de gordura corporal, sendo assim os goleiros possuem valores próximos aos 9,4%, enquanto os atacantes 7,4% (RIBEIRO et al., 2011). Esses valores obtidos classificam esses jogadores dentro dos parâmetros aceitáveis para o alto rendimento, que está situado até 12,7% (BERTO; MAGALHÃES, 2014).

Na avaliação da impulsão horizontal, vertical e potência muscular, Frisselli e Mantovani (1999) relatam valores de 249 cm, 65,5 e 260,3 respectivamente. Afim de comparar os escores obtidos no estudo anterior, Thiengo et al. (2012) afirma que os jogadores de futebol profissional devem apresentar valores de impulsão vertical próximos aos 60 cm e 263 cm para impulsão horizontal. Nesse sentido é possível constatar que os goleiros estudados por Frisselli e Mantovani (1999) apresentam escores inferiores de impulsão horizontal, por outro lado os valores de impulsão vertical demonstram resultados superiores aos relatados por Thiengo et al. (2012). Os resultados obtidos em diferentes estudos sugerem que tanto para a posição quanto para a função exercida pelo futebolista, há um nível de solicitação diferenciado, o qual exigirá e desenvolverá nos processos envolvidos na atividade (GALLO et al., 2010).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES DOS GOLEIROS NA PARTIDA

Enquanto o objetivo principal do futebol é marcar gols na equipe adversária, o goleiro tem como missão evitá-los, destacando-se tanto quando realiza suas ações com perfeição, tanto com seus erros (BERTO; MAGALHÃES, 2017). Para evitar que

o adversário conquiste o seu objetivo, o goleiro utiliza de ações defensivas como posição de expectativa, defesa frontal baixa, encaixe, defesa frontal alta, defesa rasteira nas laterais, defesa meia altura nas laterais, defesa quicada nas laterais, saídas de gol em cruzamentos, antecipação ou cobertura, enfrentamento, defesa de pênalti. A função de repor a bola com os pés e com as mãos para contribuir ofensivamente caracteriza-se como ações ofensivas, no qual o goleiro pode executar a reposição com os pés em qualquer parte do campo, exceto em situações de bola parada onde deverá ser cobrada no local destinado (GALLO et al., 2010; QUEIROZ, 2012).

Os estudos apontam que os goleiros possuem menor volume de ações ofensivas e defensivas quando comparado ao restante da equipe, entretanto é possível afirmar que a função exercida pelo atleta assim como as circunstâncias que o jogo se encontra, acarretam no volume de ações realizadas. Em uma análise feita para caracterizar as ações ofensivas e defensivas dos goleiros obteve-se uma média de 30,4 ações em 112 jogos (DOMINGUES, 1997). É possível constatar que a participação dos goleiros tem aumentado conforme as demandas de jogo, elevando volume das ações para 37,9 (GALLO et al., 2010).

Outra tentativa de registrar as ações dos goleiros foi na Copa do Mundo do Japão e Coréia em 2002. Esse estudo contou com a participação de 34 goleiros em 54 jogos e constatou que a intervenção dos goleiros se dava principalmente na área da penalidade (44,4%), seguido pela área de meta (17,7%) e fora da área da penalidade (6,6%), totalizando 23,4 ações defensivas por jogo (BALANDA; ORTEGA; PALAO, 2008).

Para Berto e Magalhães (2017) é necessário conhecer as demandas técnicas de cada partida para poder quantificar com coerência todas as ações de jogo no período de competição, entretanto, tratando-se dos goleiros, imagina-se que o maior número de intervenções em uma partida seja realizando defesas. Moino (2011) em seu estudo afirma que as ações ofensivas se destacam em relação às defensivas, sendo 52% do volume total de ações de jogo, porém ressalva que interpretação dos dados sofre influência da partida. Muitos fatores sobre a exigência dos goleiros podem variar com relação a evolução da partida, variáveis táticas, estratégias de jogo, aspectos competitivos entre equipe e também a diferença de tempo de jogo conforme as categorias, que são menores nas categorias de base.

Ressalta-se que todas as ações citadas acontecem dentro de um contexto de cooperação e oposição, no qual as situações opositivas são compreendidas em situações que se deve vencer o adversário, impedindo que a bola ultrapasse a linha do gol. As situações cooperativas são caracterizadas pela reposição de bola seja com as mãos ou com os pés, sendo assim é possível afirmar que 77,78% das ações de jogo são de caráter opositivo e 22,2% de cooperativas (MARQUES FILHO et al., 2017). Em adição, é importante ressaltar que o período de jogo em que as ações acontecem também variam, ou seja, as ações não acontecem com a mesma frequência nos 90 minutos de partida (GALLO et al., 2010; JUNIOR, 2014; SALVO et al., 2007).

2.3 QUALIDADES E ATRIBUTOS DOS GOLEIRO

A partir de 1970 os goleiros começaram a desenvolver trabalhos específicos para a posição, no qual as atividades propostas diferiam do restante da equipe, envolvendo situações que desenvolviam o aspecto técnico, físico, motor e psicológico (CARLESSO, 1981). O trabalho do goleiro caracteriza-se por movimentos de curta duração e alta intensidade, no qual objetiva-se a menor porcentagem de erro possível para a posição, uma vez que, uma falha é dificilmente corrigida pelo companheiro e na maioria das vezes resulta em gol (ABELHA, 1999). Para isso, é fundamental manter-se preparado para a aleatoriedade e a imprevisibilidade das situações de jogo, sendo cada vez mais necessário dominar os fundamentos técnicos, capacidades condicionantes, coordenativas e físicas para que seja capaz de defender uma meta com dimensões de 2,44 m de altura e 7,32 m de largura (BERTO; MAGALHÃES, 2014; CBF, 2016; MARQUES FILHO et al., 2017)

Um bom goleiro precisa estar preparado para enfrentar diferentes situações climáticas e arenas de jogos, executar corretamente uma defesa, manter o seu rendimento sempre próximo ao ápice e estar preparado emocionalmente para suportar todas as críticas e cobranças (VOSER; GUIMARÃES; QUEIROZ, 2010). Para esse desempenho são necessárias qualidades como boa estatura, peso proporcional à estatura, coordenação, flexibilidade, velocidade de deslocamento, velocidade de reação, agilidade, habilidade, força, saber cair, boa colocação, visão de jogo, atenção, tranquilidade, confiança, responsabilidade, força de vontade, coragem, tomada de decisão e sorte (ABELHA, 1999). Queiroz (2012) e Voser, Guimarães e Ribeiro (2010)

ainda ressaltam presença de área e atitudes que transmitam confiança, controle de bola com ambas as mãos, firmeza para não dar rebotes, tranquilidade para manter-se sereno a todos os momentos, noção de espaço, tempo de saída do gol, defesa de pênalti, habilidade com pés e mãos, concentração, liderança, iniciativa, humildade, vontade de aprender, dedicação, personalidade. O goleiro também exerce função de cobertura, organização da equipe dentro de campo por possuir visão privilegiada e também tem a possibilidade de visualizar com mais facilidade o panorama do jogo e a disposição dos companheiros e adversários (MARQUES FILHO et al., 2017).

A resolução de problemas em uma partida está relacionada ao conhecimento do jogador de todas essas características citadas, a leitura e interpretação das condutas dos companheiros e adversários proporcionará ao goleiro a capacidade de antecipar-se a qualquer jogada, logo terá maior êxito para contribuir positivamente com a equipe em uma ação defensiva ou exercer papel de jogador com bola, jogador sem bola da equipe que detém a posse e jogador da equipe que não detém a posse (MARQUES FILHO et al., 2017).

Muito se tem questionado sobre o biotipo ideal para a posição, o modelo de atleta ainda é muito discutido dentro dos clubes, entretanto vale ressaltar que as características adotadas para os atletas variam de localidade para localidade, ou seja, o Brasil adota como critério de seleção a técnica e estatura, entretanto em outros países da América do Sul preferem atletas com leitura de jogo, tomada de decisão e liderança (CRUZ, 2012). Optar por atletas mais experientes é outra característica da posição, uma vez que, quanto mais experiente for o atleta, maior será o seu repertório de ações para resolução das situações que lhe é imposta (MATKOVIC, 2003).

É indispensável para o goleiro possuir tranquilidade para que os aspectos físicos, mentais e técnicos possam ser de grande utilidade (ABELHA, 1999). A intranquilidade é um aspecto que possui dois lados, no qual poderá aumentar excitação e a chance de sucesso na partida ou amentar a chance de erro, ou seja, um goleiro muito ansioso poderá atuar positivamente em determinadas situações e contribuir para a vitória do seu time, mas o outro lado também poderá ocasionar a falha em qualquer situação importante, transmitindo a sua insegurança para o restante da equipe (VERZANI et al., 2012).

A ansiedade é outro fator que interfere na *performance* esportiva, apresentada em momentos antecedentes a competições e após a elas. Afim de tornar mais clara a discussão, Verzani et al. (2012) indicam em seu estudo que a ansiedade em goleiros

se dá devido a diferentes fatores como exigência do jogo, tranquilidade do atleta, fatos desagradáveis, ambiente estressor e dificuldade ao longo da vida. Em sua maioria, os atletas entram em campo com níveis de ativação ideal, entretanto fatores como o nível competitivo da equipe adversária influenciam na ansiedade dos atletas. Dependendo da categoria e o momento que o jogo se encontra, as reações podem se manifestar positivamente e negativamente, devido ao desenvolvimento gradual de um atleta, uma vez que, um atleta de 14 anos não está habituado a mesma situação que um de 20 ou as influências externas impostas por torcida ou comissão técnica. (ABELHA, 1999; MARQUES FILHO et al., 2017; VERZANI et al., 2012).

Com esse apontamento fica evidente que o goleiro deve manter-se em sintonia nos aspectos físicos, técnicos e psicológicos para obter sucesso na partida. Entretanto é fundamental ter equilíbrio emocional para que possam responder com naturalidade em uma ação adversária (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010).

2.4 GOLEIRO E O MODELO DE JOGO

O modelo de jogo é o conjunto de princípios ou comportamentos que resultam na organização de uma equipe dentro do contexto de jogo, ou seja, um conjunto de pautas que auxiliam os atletas a desempenhar uma determinada ação dentro de um dos quatro momentos do jogo de futebol, que é organização defensiva, transição defensiva, organização ofensiva e transição ofensiva. Dentro desse contexto, o conhecimento tático processual está diretamente relacionado com a execução de respostas para a resolução de problemas, considerando a imprevisibilidade e a adaptabilidade desses jogos (GIACOMINI; GRECO, 2008).

Os padrões de movimento dos goleiros são caracterizados por longos períodos de baixa intensidade, porém em determinado momento é necessário realizar movimentos multidirecionais de intensidade moderada alta e uma série de ações técnicas. Verifica-se que conforme a faixa etária, o goleiro obtém mais experiência de jogo e começa a responder rapidamente a situação problema, economizando a energia (GONÇALVES et al., 2016). A sua figura dentro de campo proporciona também desconforto ao atleta, principalmente quando a situação de jogo não o favorece, aumentando a possibilidade de fracasso na jogada (JUNIOR, 2014).

A medida que o jogador vai adquirindo experiência, as circunstâncias de jogo começam a ficar mais frequentes e menos desestabilizadoras. Os estudos têm

indicado que aos 14 anos os goleiros participam menos do jogo, a sua atuação não é restrita, mas é composta em grande maioria de ações ofensivas, dado que as demandas de jogo são menores para a sua função nessa faixa etária. Já aos 15 anos a atuação tem forma irregular, no qual apresenta-se mais participativo, oferecendo a possibilidade de receber o passe e contribuir em circunstâncias de alto nível de complexidade, e aos 17 anos o goleiro participa efetivamente da partida, uma vez que, os acontecimentos começam a exigir mais do atleta (GIACOMINI; GRECO, 2008). Conforme vai se aproximando a categoria juniores, ou seja, quando se encontra na categoria sub 20, o goleiro atua com mais naturalidade, respondendo aos eventos com precisão (MOINO, 2011)

Essa diferença encontrada entre as respectivas faixas etárias pode ser explicada pelas situações encontradas em campo, já que a característica do jogo nas categorias de base, são diferentes quando comparado aos adultos. Os goleiros da categoria sub 15 realiza em média 27,6 ações por jogo, no qual a maioria destas são de reposição de jogo, situação isolada em que a sua participação não implica em grande ameaça da equipe adversária. Com o avançar da idade, a sua participação ganha contexto, principalmente pelas ações defensivas e o seu sucesso resulta em maior participação, acarretando em independência e estabilidade para participar mais do jogo (MOINO, 2011).

Existem alguns eventos em uma partida que podem influenciar tanto positivamente quanto negativamente na participação do goleiro. Os eventos podem estar relacionados ao momento do jogo como vitória, empate ou derrota, as condições climáticas, o nível competitivo da equipe adversária, pressões psicológicas, torcida, dentre outros. É claro que esses momentos que os atletas enfrentam pode oscilar durante a partida, passando de uma situação favorável para desfavorável, não sendo única e exclusivamente do goleiro, mas dos demais companheiros de equipe (GOLÇALVES et al., 2016; JUNIOR, 2014).

O modelo pode ser definido pelo processo de organização e melhora de equipes de futebol para alcançar a vitória. O modelo utilizado pela equipe acarretará diretamente na participação do goleiro na partida, ou seja, a função determinada ao atleta resultará nas suas ações de jogo. Pouco se tem discutido sobre o goleiro e o modelo adotado pelas equipes, entretanto foi realizado um estudo na Copa do Mundo de 2014 com o intuito de comparar o modelo utilizado pela Seleção Brasileira e a Alemã, sendo assim constatou-se que a equipe brasileira direcionou ao goleiro o

trabalho de defesa de meta e transição defesa ataque, que são as ações mais comuns aos goleiros de categorias inferiores, no qual o seu posicionamento ficou restrito a movimentar-se dentro da área. Por outro lado, o goleiro da equipe alemã, além das funções de defesa de meta e transição defesa ataque, optou pelo trabalho de cobertura defensiva quando a bola estava em posse de sua equipe, resultando em determinados momentos o posicionamento frente a linha da área (JUNIOR, 2014).

O recuo de bola que é uma ação no qual o goleiro recebe a bola de um de seus companheiros e necessita trabalhar com os pés é uma situação que favorece a estratégia da equipe, entretanto é pouco utilizada em categorias inferiores, principalmente porque o goleiro não desenvolveu confiança suficiente para compor a linha de passes. É possível observar que atualmente há constante exigência dessa situação, entretanto a utilização deve ser cuidadosa porque oferece perigo aqueles que possuem dificuldades em trabalhar com a bola nos pés. (GOLNÇALVES et al., 2016; JUNIOR, 2014; MOINO, 2011).

Conforme a necessidade da equipe, o goleiro desempenhará funções que se enquadrem ao modelo de jogo, principalmente em ocasiões em que a equipe enfrenta dificuldade a superar as adversidades. As funções de defesa de meta e transição defesa/ataque são mais comuns aos goleiros de categorias inferiores, uma vez que as demandas de jogo não exigem tanta atuação do goleiro, e quanto mais próximo ao profissional, maiores as demandas de jogo, desta maneira é possível atribuir funções de circulação de bola e cobertura defensiva (GIACOMINI; GRECO, 2008; SILVA, 2014).

3 MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa utilizou uma metodologia de caráter quantitativo, descritivo e observacional. O método quantitativo, objetiva garantir a precisão dos resultados evitando a distorção de análise e interpretação, nesse contexto o estudo de natureza descritiva propõe-se a investigar uma situação específica, um grupo ou um indivíduo, podendo abordar aspectos amplos de uma sociedade (RICHARDSON et al., 2015).

A pesquisa possui o propósito de resolver um problema, portanto a sua finalidade prática é aplicada e avaliativa. Trata-se também de uma pesquisa não experimental, no qual a situação já existiu, ou seja, o jogo filmado já aconteceu.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para a realização deste estudo observou-se a atuação dos goleiros das categorias sub 15, 17 e 20, pertencentes a um clube profissional da cidade de Florianópolis - SC. A pesquisa examinou os sete primeiros jogos de cada categoria no Campeonato Catarinense de futebol do ano de 2017, no qual o goleiro do sub 20 atuou nos sete jogos, já o sub 17 contou com a participação do goleiro A em 4 partidas e o B em 3 partidas, por fim o sub 15 o goleiro C atuou em 5 jogos e o D em dois, totalizando 5 goleiros avaliados.

As ações classificadas como defensivas correspondem a qualquer situação de saltos, quedas, mergulhos, saídas de gol, defesa, no qual o goleiro entra em contato com a bola para evitar o gol adversário e as ofensivas são caracterizadas pelo momento em que o goleiro repõe a bola em jogo para o companheiro de equipe, seja ela com os pés ou com as mãos. Todas as ações realizadas durante os 90 minutos mais os acréscimos para a categoria sub 20, 80 minutos mais acréscimos no sub 17 e 70 minutos mais acréscimos no sub 15 foram incluídos na análise. O campeonato para a categoria sub-20 consistiu em um turno com 7 jogos, classificando as quatro primeiras equipes para a disputa de semifinal e posteriormente final. Já as categorias sub 17 e 15 disputaram 2 turnos com 9 rodadas, classificando as 4 melhores colocadas para a semifinal e posteriormente final.

Foi excluído do estudo a filmagem que apresentou somente a ação específica do goleiro sem que permita a visualização do início da jogada.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Estabeleceu-se ao longo do desenvolvimento do projeto a caracterização das ações ofensivas e defensivas realizadas pelos goleiros durante o tempo de jogo das respectivas categorias, posteriormente, calculou-se o número total de ações de cada goleiro na sua respectiva partida.

Para esta análise foi solicitada ao clube a filmagem dos sete jogos de cada categoria, no qual o goleiro não esteja fora do campo de ação da câmera. Cada partida foi dividida em duas partes, considerando o tempo de jogo mais acréscimos de cada categoria, no qual foi registrado o momento de jogo em que acontece as intervenções do goleiro, sendo elas, saltos/quedas/defesa, saída de gol e reposição de bola. Para as observações foi utilizado um computador para catalogar os dados no programa (Microsoft Office Excel 2016). Foi verificado o exato momento em que ocorreram as atuações dos goleiros e registrado o tempo em que elas aconteceram.

Para cada ação específica foi seguido uma descrição padronizada para classificar o movimento como:

Posição de expectativa (PE): ação realizada pelo goleiro momentos antes de qualquer finalização do adversário (ABELHA, 1999).

Figura 1 – Posição de expectativa



Fonte: Próprio autor

Defesa frontal baixa (DFB): defesa na linha de cintura em que o goleiro se abaixa para segurar a bola em forma de concha (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010).

Figura 2 – Defesa frontal baixa



Fonte: Próprio autor

Defesa frontal média (DFM): Situação em que o goleiro apanha a bola na linha de cintura com os joelhos levemente flexionados (QUEIROZ, 2012)

Figura 3 – Defesa frontal média



Fonte: Próprio autor

Defesa central alta (DFA): normalmente ocorre em finalizações frontais acima da linha da cabeça e em bolas cruzadas na área. O goleiro encaixa a bola entre as mãos, muitas vezes combinada com um salto (GALLO et al, 2010)

Figura 4 – Defesa frontal alta



Fonte: Próprio autor

Defesa lateral direita baixa (DLDB); é realizado em bolas rente ao solo que saem da trajetória do goleiro, impedindo que ele execute uma defesa frontal (QUEIROZ, 2012).

Figura 5 – Defesa lateral direita baixa



Fonte: Próprio autor

Defesa lateral direita alta (DLDA); Defesa em que o goleiro salta em direção a bola, quando não é possível executar outro fundamento (ABELHA, 1999).

Figura 6 – Defesa lateral direita alta



Fonte: Próprio autor

Defesa lateral esquerda baixa (DLEB): é realizado em bolas rente ao solo que saem da trajetória do goleiro, impedindo que ele execute uma defesa frontal (QUEIROZ, 2012).

Figura 7 – Defesa lateral esquerda baixa



Fonte: Próprio autor

Defesa lateral esquerda alta (DLEA): Defesa em que o goleiro salta em direção a bola, quando não é possível executar outro fundamento (ABELHA, 1999).

Figura 8 – Defesa lateral esquerda alta



Fonte: Próprio autor

Antecipação (ANT); Ação de jogo em que o goleiro se antecipa a jogada, impedindo a finalização do adversário (GALLO et al., 2010).

Figura 9 - Antecipação



Fonte: Próprio autor

Enfrentamento (ENF): Momento específico em que o goleiro toma decisões para impedir que o atleta adversário finalize com sucesso a meta (GALLO et al., 2010).

Figura 10 - Enfrentamento



Fonte: Próprio autor

Reposição com as mãos (RCM): Lançar a bola com as mãos para o companheiro de equipe (QUEIROZ, 2012).

Figura 11 – Reposição com as mãos



Fonte: Próprio autor

Reposição com os pés (RCP): lançar a bola com os pés para um companheiro de equipe (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010 e GALLO et al., 2010).

Figura 12 – Reposição com os pés



Fonte: Próprio autor

Para registrar essas ações criou-se um *scout*, considerado uma ferramenta capaz de relatar aos membros da comissão técnica os principais acontecimentos técnico-táticos de uma partida de futebol (BERTO; MAGALHÃES, 2017). Foi registrado o tempo e o tipo de ação executada pelo goleiro (Apêndice A).

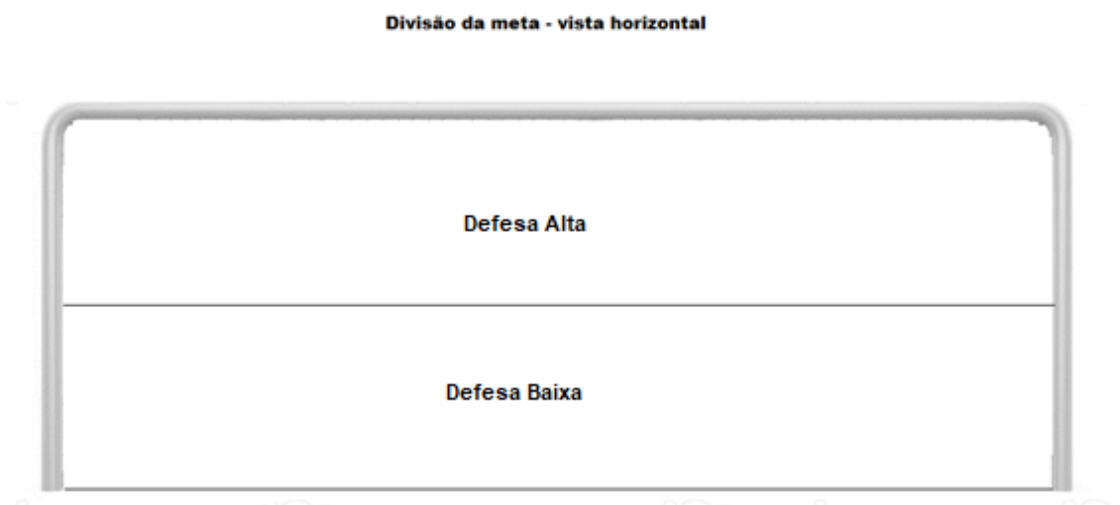
Para caracterizar o tipo de defesa, optou-se pela divisão da meta em duas partes: a primeira refere-se a visão vertical, da qual o gol é fragmentado em três partes iguais de 244 cm; e a segunda a visão horizontal da meta com duas partes de 122 cm. Quando o goleiro realizar uma defesa, com o vídeo pausado, considerou-se a posição em que se encontra, ou seja, a região do gol em que realizou a ação defensiva, conforme a figura abaixo.

Figura 13 – Divisão da meta em vista vertical



Fonte: Próprio autor

Figura 14 – Divisão da meta em vista horizontal



Fonte: Próprio autor

3.4 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi dividida em dois momentos, o primeiro utilizou o programa Microsoft Office Excel 2016 para catalogar a ação dos goleiros e o tempo em que elas ocorreram. Após o preenchimento, os dados foram catalogados pela categoria de cada goleiro, para o processo de interpretação e análise estatística.

3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados estão apresentados na forma de média e desvio padrão, a partir da realização da estatística descritiva. A normalidade dos dados foi verificada a partir do teste de Shapiro-Wilk e após distribuição normal foi realizado um teste t-student para comparar as ações ofensivas e defensivas do primeiro e segundo tempo dentro de cada categoria. Para a comparação das ações entre as categorias sub 20, sub 17 e sub 15 foram verificadas a homogeneidade das variâncias a p , a partir do teste de Levene e então, foi realizada uma ANOVA one-way. O nível de significância de 5% foi adotado para todas as análises. Todas as análises estatísticas foram realizadas utilizando o software SPSS versão 21.0 (SPSS Inc., IBM Company, NY, USA).

4 RESULTADOS

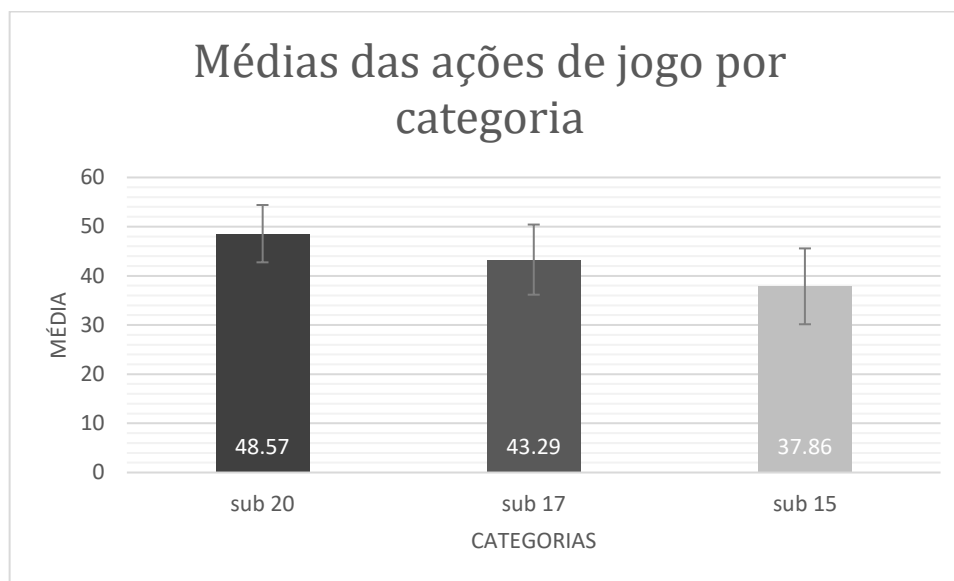
No total da análise feita nos 7 jogos da categoria sub 20 foi quantificada a média de $48,57 \pm 5,8$ por jogo, das quais 19,85 foram ações ofensivas (41,9%) e 28,71 ações defensivas (59,12%). A partir da divisão foi possível verificar que a ação defensiva que mais ocorreu foi posição de expectativa (PE) com média $16,71 \pm 1,70$ ações por jogo, resultando em 34,41% de um total de 59,12% de todas as ações defensivas realizadas. As ações ofensivas de reposição com os pés (RCP) obtiveram a média de $15,29 \pm 2,36$ ações e reposição com as mãos (CM) $4,57 \pm 2,23$ ações.

A categoria sub 17 obteve a média de $43,29 \pm 7,13$ por jogo, das quais 24,28 foram ações ofensivas e 19 ações defensivas. As ações ofensivas totalizaram 56,10% das ações totais de jogo, sendo elas $20,57 \pm 8,28$ de reposição com os pés e $3,71 \pm 2,06$ de reposição com as mãos. O número total de posição de expectativa também diminuiu consideravelmente, passando para $7,86 \pm 2,27$ ações.

A categoria sub 15 totalizou a média de $37,86 \pm 7,71$ ações por jogo, das quais 19,57 foram ações ofensivas e 18,28 ações defensivas. A partir da divisão já descrita anteriormente, é possível visualizar o mesmo comportamento da categoria sub-17, das quais as ações ofensivas totalizam 51,72% das ações totais de jogo, sendo elas $17,14 \pm 4,38$ de reposição com os pés e $2,43 \pm 1,27$ de reposição com as mãos. O número médio total de posição de expectativa por jogo foi de $7,86 \pm 3,29$ ações por jogo.

Quando analisado o número total de ações ofensivas e defensivas de todas as três categorias é possível constatar que 49,12% são ações ofensivas e 50,88% são ações defensivas, sendo que as ações que mais ocorreram individualmente foram reposição com os pés, posição de expectativa e reposições com as mãos.

Figura 15 – Médias das ações por jogo



Quando analisados o primeiro e segundo tempo, foram encontradas diferenças significativas para os dados de defesa frontal média na categoria sub 20 do primeiro para o segundo tempo da partida ($p=0,034$; -Tabela 1), sendo maior no segundo tempo. Os valores de reposição com as mãos também apresentaram diferenças significativas do primeiro para o segundo tempo ($p=0,041$; -Tabela 2), sendo maior no primeiro tempo. Quando comparadas as categorias a única variável que demonstrou diferença significativa foi a Posição de expectativa $p=0,01$ (Tabela 3), no qual a categoria sub 20 apresenta resultado superior quando comparados ao sub 15 e 17.

Tabela 1. Ações defensivas

Variável	Sub 15			Sub 17			Sub 20		
	1 T	2 T	Total	1 T	2 T	Total	1 T	2 T	Total
Ações defensivas									
Posição expectativa	3,29±1,25	4,57±2,37	7,86±3,29	3,71±1,50	4,14±2,34	7,86±2,27	7,29±2,81	9,43±1,90	16,71±1,70**
Defesa Frontal baixa	0,43±0,53	0,43±0,79	0,86±0,90	0,57±0,79	0,71±0,95	1,29±1,11	0,14±0,38	0,86±0,69	1,00±0,58
Defesa Frontal média	1,14±0,90	0,71±0,49	1,86±0,90	0,57±0,53	0,57±0,79	1,14±0,90	0,57±0,79	1,57±1,13*	2,14±1,68
Defesa Frontal alta	2,14±1,07	1,29±1,25	3,43±1,72	1,14±0,90	2,29±1,50	3,43±1,81	2,14±2,19	1,29±0,95	3,43±2,37
Defesa Lateral direita baixa	0,29±0,49	0,43±0,53	0,71±0,76	0,86±0,90	0,14±0,68	1,00±1,00	0,43±0,53	0,57±0,53	1,00±0,58
Defesa Lateral direita alta	0,14±0,38	0±0	0,14±0,38	0,43±0,53	0±0	0,43±0,53	0,29±0,49	0,14±0,38	0,43±0,53
Defesa Lateral esquerda baixa	0,14±0,38	0,14±0,38	0,29±0,49	0,43±0,53	0,29±0,49	0,71±0,76	0,29±0,49	0,86±1,07	1,14±1,07
Defesa Lateral esquerda alta	0,14±0,38	0,29±0,76	0,43±0,79	0,14±0,38	0±0	0,14±0,38	0,29±0,49	0±0	0,29±0,49
Antecipação	1,57±1,13	0,86±0,90	2,43±1,51	1,71±1,25	0,71±1,11	2,43±1,62	0,43±0,53	1,57±1,27	2,00±1,29
Enfrentamento	0,14±0,38	0,14±0,38	0,29±0,49	0,29±0,49	0,29±0,49	0,57±0,79	0,57±0,79	0±0	0,57±0,79

Dados em Média ± DP

* Diferença significativa do primeiro tempo para o segundo ($p < 0,05$).

** Diferença significativa do sub 20 para sub 17 e 15 ($p < 0,05$).

Tabela 2. Ações ofensivas

Variável	Sub 15			Sub 17			Sub 20		
	1 T	2 T	Total	1 T	2 T	Total	1 T	2 T	Total
Ações Ofensivas									
Reposição com as mãos	1,43±0,79	1,00±1,15	2,43±1,27	2,86±1,57	0,86±1,21*	3,71±2,06	2,57±1,62	2,00±1,29	4,57±2,23
Reposição com os pés	7,57±3,99	9,57±3,36	17,14±4,38	10,29±4,46	10,29±5,38	20,57±8,28	7,14±2,41	8,14±0,90	15,29±2,36

Dados em Média ± DP

* Diferença significativa do primeiro tempo para o segundo ($p < 0,05$).

5 DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi caracterizar as ações ofensivas e defensivas de goleiros de futebol nas categorias sub 15, 17 e 20 em um clube na cidade de Florianópolis durante o campeonato estadual de 2017.

A média resultante da categoria sub 20 foi de $48,57 \pm 5,83$ ações praticadas por jogo, no qual foi comparada aos dados encontrados na literatura. Gallo et. al (2010) quantificaram a média de 37,9 ações em 12 partidas de um único goleiro, em uma competição nacional de um clube do interior do Estado de São Paulo. Já Soares, Santo e Rodriguez (2008) por sua vez obtiveram média de 28,10 ações em 38 jogos observados com um goleiro profissional que disputou o Campeonato Brasileiro de 2008. É possível perceber que o presente estudo obteve valores maiores descritos na literatura, podendo ser explicado pela utilização da posição de expectativa como variável, já que a mesma é considerada uma posição base para realização de qualquer outra ação defensiva, além do número de ações ofensivas realizadas pelo goleiro. Apesar de ter contribuído ofensivamente para equipe, o goleiro adota um comportamento que corrobora com Giacomini e Greco (2008) que reconhecem a predominância das ações defensivas, já que 59,12% do total das ações da categoria sub 20 são defensivas. O modelo em que foi disputada a competição também contribuiu para o elevado número de ações praticadas pelos goleiros, já que devido o número reduzido de equipes, sendo 8 no total, a competitividade aumenta e as exigências do jogo também são potencializadas.

A categoria sub 17 obteve a média de $43,29 \pm 7,13$ e também apresentou acréscimo nas ações quando comparados aos achados científicos. Esta média continua sendo superior a relatada por Gallo et. al (2010) e Soares, Santo e Rodriguez (2008), e para acentuar ainda mais a discussão, o aspecto tempo de jogo deve ser considerado, já que para esta categoria o tempo é reduzido em 5 minutos para cada etapa. Moino (2011) quantificou as ações dos goleiros com essa população e o mesmo tempo de jogo, obtendo média inferior à do presente estudo, com 31,3 ações por jogo.

As ações ofensivas desta categoria obtiveram valores superiores quando comparadas as demais, resultando em 56,10% das ações de jogo, logo esse comportamento corrobora com os achados de Gallo et. al (2010), Moino (2011) e Soares, Santo e Rodriguez (2008) quantificando 58,70%, 52% e 75% respectivamente, contrapondo os achados de Greco e Giacomini (2008) que

atribuíram as ações defensivas como predominante em uma partida. O chaveamento do campeonato difere para essa categoria, sendo disputado em dois turnos com dez equipes, isso justifica a utilização de dois goleiros nas sete primeiras partidas e a diminuição de ações por jogo quando comparados ao sub 20, já que o tempo é reduzido.

A categoria sub 15 apresentou $37,86 \pm 7,71$ ações por jogo. O valor constatado para essa categoria é inferior aos achados de Gallo et. al (2010), enquanto que Moino (2011) e Alves (2012) observaram valores inferiores, sendo 27,6 e 19,4 ações respectivamente. Para esta análise deve ser considerada a variável tempo de jogo, já que a diferença de tempo difere em 10 minutos para o sub 20 e 5 minutos para o sub 17, sendo disputado em dois períodos de 35 minutos. A porcentagem de 51,72% de ações ofensivas segue a mesma tendência que a categoria acima e aos achados já discutidos, a forma de disputa do campeonato também segue nos mesmos moldes da categoria sub 17, sendo assim também utilizou dois goleiros durante as 7 partidas. Desta maneira devido a diminuição do tempo de jogo é possível explicar a diminuição na média das ações por jogo quando comparadas as categorias citadas anteriormente.

A variável tempo de jogo deve ser considerada para comparar as diferenças encontradas nas três categorias, entretanto deve-se levar em consideração a produção física, nível competitivo e classificação final no campeonato. A forma em que é disputado o campeonato para a categoria sub 20 favorece esse aumento no número de ações, já que das 8 equipes que estavam competindo, 4 eram consideradas “Grandes” do estado, ou seja, 50% das equipes eram altamente competitivas. Para Carling (2013) as demandas físicas dos jogadores de equipes com menor classificação tendem a serem maiores quando comparadas as melhores classificadas, sendo assim esses jogadores começam a competir contra “melhores” adversários, porém a eficácia técnica e tática parece ter impacto maior no resultado final da partida. A redução na média de ações por jogo das categoriais sub 17 e 15 para o sub 20 também pode ser explicado pelo modelo de disputa do campeonato, já que o mesmo foi disputado em dois turnos com 10 equipes. Para Carling (2013) e Berto e Magalhães (2017), quanto maior o tempo de disputa da competição, maior o decréscimo de ações por jogo para todas as posições, já que as demandas físicas parecem diminuir devido ao acúmulo de fadiga muscular.

Com relação as ações defensivas conforme o período de jogo e a categoria, o sub 20 apresentou diferença estatisticamente significativa no segundo tempo de jogo ($p < 0,05$) na variável DFM. Gallo et. al (2010) encontraram resultados semelhantes, entretanto a sua análise é feita de maneira descritiva classificando seus resultados em porcentagem, desta maneira quantificaram 50,80% das ações no segundo tempo de partida. Junior (2014) adiciona que o nível técnico dos jogadores, grau de aptidão física dos atletas, a orientação tática do time, condições climáticas, motivação dos futebolistas, o estilo de jogo, o grau de envolvimento na partida, a característica física do futebolista, as condições nutricionais e as divisões de categorias nas quais eles são classificados podem interferir nas ações referente ao segundo tempo, elevando a participação no segundo período.

Por outro lado, a variável RCM da categoria sub 17 apresentou diferença entre os períodos, ocorrendo mais no primeiro tempo de partida, diferindo do comportamento relatado por Gallo et. al (2010). Porém estes achados corroboram com Mortimer et. al (2006) afirmando que segundo tempo de jogo a intensidade do esforço dos atletas de linha diminui, devido à degradação progressiva do glicogênio muscular, implicando em queda do rendimento físico (MORTIMER et al., 2006). Carling (2013) adiciona que as evidências fornecidas pelos estudos apontam que o declínio nas ações referentes ao segundo tempo de partida está associada a queda de *performance* do atleta de linha, principalmente pelos períodos de atividade intensa e também pelo menor tempo de bola rolando, já que nesse período o jogo pausa mais devido ao maior número de faltas e substituições. Em adição, os jogadores que realizam maior número de *sprints* de alta velocidade no primeiro tempo de jogo, tendem a participar menos na segunda etapa, resultando em redução no número de finalizações dos atacantes e menor participação defensiva do goleiro.

A variável resultado momentâneo do jogo não pode ser descartada, já que a vitória ou derrota implicará em maior participação ofensiva ou defensiva. Como a equipe sub 20 era favorita e venceu todos os jogos, a influência dessa variável foi mínima. A categoria sub 17 venceu 5 das 7 partidas disputadas, com resultados pouco “elásticos”, sendo assim o aumento das ações ofensivas corroboram com a variável momento do jogo. O sub 15 venceu 6 das 7 partidas disputadas, sendo uma partida com resulta “elástico”, desta maneira é possível constatar o favoritismo da equipe, gerando decréscimo das ações totais de jogo. Esse apontamento corrobora com Berto e Magalhães (2017), afirmando que enquanto o goleiro da equipe mais forte for pouco

exigido, o outro defensor será obrigado a realizar um número maior de intervenções, desta maneira é possível identificar que essas variáveis influenciam no desempenho do atleta em cada período, sendo que quanto maior for o nível competitivo da equipe adversária, maior exigência dentro de campo.

A variável posição de expectativa foi maior na categoria sub 20 em relação as categorias sub 17 e sub 15 conforme apresentado na Tabela 1. Gallo et. al (2010) encontraram resultados superiores nessa variável em relação à média por jogo, entretanto os valores inferiores apresentados nesse estudo podem ser explicados devido a população utilizada pelo autor, que na ocasião investigou goleiros de uma equipe profissional do estado de São Paulo. Por outro lado, a diferença encontrada no presente estudo corrobora com o padrão estabelecido por Gonçalves et. al (2016), quanto melhor posicionado o goleiro, menor será o desgaste com ações subsequentes e com a aquisição da experiência de jogo, as respostas são mais efetivas, resultando em economia de energia e agindo em uma defesa difícil só quando realmente necessário. Sob outra perspectiva, quanto menor a faixa etária, menor a variedade do seu repertório de soluções, devido a isso os goleiros do sub 15 e sub 17 realizam menos essa ação, corroborando com Giacomini e Greco (2008). Nesse sentido é possível ressaltar que o atleta adulto tem uma exigência de ações de jogo e maior experiência em relação aos atletas em formação, pois as competições das categorias lhes oferecem quantidades menores de situações de jogo para formação integral do atleta (BERTO; MAGALHÃES, 2011; MOINO, 2011).

A Tabela 1 representa o baixo número de ações consideradas defesas para as três categorias. Essa realidade é visível nas três categorias nas variáveis DLDA e DLEA, no qual apresentam o valor média de zero ações no segundo tempo. Além de corroborar com Carling (2013) a respeito da diminuição das demandas de jogo no segundo tempo, corrobora com (BERTO; MAGALHÃES, 2017; GALLO et al., 2010; MOINO, 2011), explanando que a obediência tática e os fortes esquemas de marcação dificultam a finalização a gol dos jogadores, por isso tendem a executar menos ações de saltos. Outro aspecto que corrobora com esta análise é a dificuldade em que o goleiro encontra ao realizar uma defesa, principalmente nos anos iniciais, no qual a trajetória da bola oferece mais complexidade a uma intervenção do goleiro. Flumignan e Eto (2009) relatam que os goleiros enfrentam maior dificuldade em realizar uma defesa com a bola quicando, com o chute frontal, saídas de gol e com nível elevado de cansaço. O tamanho da trave é outro elemento que oferece

dificuldade ao realizar as ações, mesmo sendo de tamanho padronizado para ambas as categorias, os goleiros do sub 20 por serem maiores em estatura, aumentam a probabilidade de uma possível intervenção. Por outro lado, a potência do chute dos adversários para esta categoria é maior, entretanto o repertório motor está mais desenvolvido para resolver essas situações e como nas categorias abaixo ainda estão em desenvolvimento, o tamanho da trave diminui a probabilidade de intervenção (MOINO, 2011).

O número superior de ações de ANT, DFM e DFA em relação as outras ações defensivas, nos três grupos analisados é um fator que mostra a influência do jogo aéreo realizado pelas categorias de formação, podendo mostrar o imediatismo para resultados na formação de atletas. Sendo assim esta ação deve ter uma importância significativa para a formação do atleta, em que esta ação demanda de uma complexidade alta para o goleiro, devido as suas numerosas variáveis. Segundo Moino (2011) o jogo para as categorias iniciais explora muito essas vertentes.

De modo geral, os volumes das ações dos goleiros vão aumentando conforme o avanço de categoria, entretanto as ações de posição de expectativa, reposição com as mãos e com os pés foram as que mais ocorreram em ambas as categorias, isso indica que o goleiro utiliza o recurso ofensivo como principal fundamento. Apesar disso, os comportamentos das ações não adotam caráter uniforme, ou seja, devido as circunstâncias, variam conforme o período. O número de ações indica que a participação dos goleiros em jogos oficiais não é somente realizando uma defesa, sendo assim os números evidenciam a difusão do jogo com os pés para as situações de defesa de meta.

Uma particularidade do presente estudo é em relação ao modelo de *scout* utilizado. Para a posição de expectativa foram atribuídas ações de finalização a meta, bolas chutadas pela linha de fundo não foram computadas. Não foi coletado o total de chutes a gol efetivamente, gols sofridos, lances após alguma infração identificada e sinalizada pelo árbitro. A interpretação dos dados também sofre grande interferência das variáveis de uma partida, muitos dos fatores analisados sobre a exigência dos goleiros podem variar conforme o momento do jogo, o tipo de ação e a intensidade do estímulo (ALVES, 2012; BERTO; MAGALHÃES, 2017; GALLO et al., 2010; GIACOMINI; GRECO, 2008; MARQUES FILHO et al., 2017).

Por intermédio destes dados é possível afirmar que as ações defensivas são tão importantes quanto as ofensivas, porque as proporções são praticamente as

mesmas, porém o principal recurso do goleiro é a defesa de meta, sendo assim a ação defensiva é a que mais dá destaque ao goleiro. Entretanto as ações de reposições de bola ocorrem em números absolutos em maior número, sendo um indicativo de que, no futebol atual é um fundamento importante a ser considerado dentro da sessão de treinamento. Desta maneira o treinamento esportivo para cada posição deve considerar a especificidade da mesma, no caso do goleiro, todas as variáveis do jogo devem ser consideradas e trabalhadas para que possam ser realizadas em qualquer momento do jogo (CARLING, 2013; GALLO et al., 2010; MOINO, 2011).

6 CONCLUSÃO

No total dos 21 jogos analisados foram computadas 908 ações, no qual as categorias sub 20, 17 e 15 obtiveram a média de $48,57 \pm 5,83$, $43,29 \pm 7,13$ e $37,86 \pm 7,71$ respectivamente, das quais 49.12% são ações ofensivas e 50.88% são ações defensivas, isso demonstra que ocorrem mais ações defensivas no total das três categorias, entretanto ao analisar isoladamente cada uma, é possível afirmar que essa tendência não é verdadeira para os goleiros do sub 15 e 17 que demonstraram médias superiores de ações ofensivas. É possível afirmar pela média de ações que os goleiros realizam mais ações conforme o avanço de categoria, mas o número de ações por jogo não adota caráter uniforme, devido as circunstâncias, que variam conforme o período e o momento do jogo.

A ação de reposição com os pés que inclui tiro de meta, lances de bola parada e o voleio, foi a que mais ocorreu nas três categorias, isso indica que os goleiros começam a utilizar o recurso ofensivo como principal fundamento, desta maneira está inclusivo no modelo de jogo da equipe na organização tática e transição defesa/ataque. A segunda ação que mais ocorreu foi a posição de expectativa, logo, os goleiros começam a economizar energia com ações adjacentes. Por fim é possível constatar que as reposições com as mãos ocorrem com menos frequência, assim como as ações de defesa.

Este estudo descreveu as ações ofensivas e defensivas dos goleiros das categorias sub 20, 17 e 15 de um clube profissional da cidade de Florianópolis, a partir de uma análise entre categorias e os períodos de jogo. Conseqüentemente, não é possível estender os resultados obtidos para todos os clubes da região, já que o clube estudado era considerado o favorito para a competição. Ainda que se tenha obtido 21 partidas, o resultado foi que se obteve uma pequena quantidade de participantes. Outro aspecto considerado como limitador é que a eficiência do gestual técnico durante a realização de uma defesa não foi considerada. No que diz respeito a ação ofensiva, não foi a trajetória da bola, ou seja, as situações de reposição com os pés não precisavam chegar com eficiência no alvo.

As dificuldades encontradas no estudo são as discussões com dados de outros estudos, principalmente em relação a forma com que os autores definem a apresentação dos seus valores. No entanto, o estudo apresenta variáveis que podem auxiliar a comissão técnica a planejar o treinamento com intensidade e volume

próximos as demandas de jogo, respeitando-se os princípios do treinamento esportivo.

REFERÊNCIAS

ABELHA, João Batista Lopes. **Treinamento de Goleiro: Técnico e Físico**. São Paulo: ícone, 1999. 96 p.

ALVES, Carlos Alberto. **ESTUDO QUANTITATIVO DOS ASPECTOS TÉCNICOS DO GOLEIRO DE FUTEBOL DE CAMPO DA CATEGORIA INFANTIL**. 2012. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física Bacharelado, Unisul, Palhoça, 2012.

BALDO, Arthur Rodrigues et al. Avaliação das capacidades físicas de goleiros durante uma temporada de futebol. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, v. 1, n. 231, p.1-1, ago. 2017.

BANGSBO, Jeans. **Futebol: Condición Física en el Fútbol**. 3. ed. Badalona: Paidotribo, 2008. 347 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TzAjNlt0mSUC&oi=fnd&pg=PA12&dq=entrenamiento+de+la+condicion+fisica+en+futbol&ots=w8w1RoG42&sig=iJ2XHf8Q1LgSA5LcVdlwXZt5H7Y#v=onepage&q=entrenamiento+de+la+condicion+fisica+en+futbol&f=false>>. Acesso em: 26 set. 2017.

BARANDA, Pilar Sainz de; ORTEGA, Enrique; PALAO, José M.. Analysis of goalkeepers' defence in the World Cup in Korea and Japan in 2002. **European Journal Of Sport Science**, Murcia, v. 8, n. 1, p.127-134, 2008. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17461390801919045?tab=permissions&scroll=top>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BARONI, Bruno Manfredini; COUTO, William; LEAL JUNIOR, Ernesto Cesar Pinto. Estudo descritivo-comparativo de parâmetros de desempenho aeróbio de atletas profissionais de futebol e futsal. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 3, n. 13, p.170-176, 04 jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh>>. Acesso em: 13 set. 2017.

BARROS, Leite Turíbio; GUERRA, Isabela. **Ciência do Futebol**. Barueri, SP. Manole, 2004;

BERTO, Elano Silva de Magalhães; MAGALHÃES, Flávia Costa Oliveira. A Estatura como critério de seleção na captação e formação do Goleiro de futebol de campo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 20, p.88-94, maio 2014.

BERTO, Elano Silva de Magalhães; MAGALHÃES, Flávia Costa Oliveira. Análise quantitativa das ações do goleiro de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 9, n. 34, p.273-281, set. 2017.

CARLESSO, Raul Alberto. **Manual do Treinamento do Goleiro**. Rio de Janeiro: Editora Palestra, 1981.

CARLING, Christopher. Interpreting Physical Performance in Professional Soccer Match-Play: Should We be More Pragmatic in Our Approach?. **Sports Medicine**, [s.l.], v. 43, n. 8, p.655-663, 11 maio 2013. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s40279-013-0055-8>.

CETOLIN, Tiago et al. Comparação da potência anaeróbia entre as posições táticas em jogadores de futebol: estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Deempenho Humano**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p.507-516, fev. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/25656>. Acesso em: 29 set. 2017.

CRUZ, Rodrigo Machado. A formação de atletas de futebol: um estudo na categoria sub-15 do cruzeiro esporte clube, Belo Horizonte - MG. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 13, p.189-194, set. 2012.

DOMINGUES, Almir. **Goleiro 100 segredos**. Curitiba: Verbo, 1997. 106 p.

FLUMIGNAN, Daniel Luiz; ETO, Jorge. As dificuldades defensivas do goleiro de futebol de campo de cuiabá e várzea grande-mt participantes da copa governador-2009. **Connection Line**, Varzea Grande, v. 1, n. 4, p.2-13, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/128/367>. Acesso em: 10 jun. 2018

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol: Teoria e prática**. São Paulo: Phorte Editora, 1999. 253 p.

GALLO, Carlos Roberto et al. Análise das ações defensivas e ofensivas, e perfil metabólico da atividade do goleiro de futebol profissional. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 1, n. 8, p.16-37, abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes>. Acesso em: 13 set. 2017.

GHAMOUM, Ali Kalil et al. Treinamento de goleiro: Principais valências físicas dos goleiros de futebol dos clubes goianos com idade entre 15 e 17 anos. **Revista Vita Et Sanitas da Faculdade União Goyazes**, Trindade, v. 1, n. 10, p.38-51, jun. 2016. Disponível em: <http://www.fug.edu.br/revista/index.php/VitaetSanitas/index>. Acesso em: 13 set. 2017.

GIACOMINI, Diogo S.; GRECO, Pablo J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 8, p.126-136, abr. 2008. Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/entradaPT.html>. Acesso em: 13 set. 2017.

GIL, Susana Maria et al. Physiological and anthropometric characteristics of young soccer players according to their playing position:: relevance for the selection process. **Journal Of Strength And Conditioning Research**, Usa, v. 2, n. 21, p.438-445, maio 2007. Disponível em: <http://journals.lww.com/nsca-jscr/Pages/toc.aspx?year=2007&issue=05000>. Acesso em: 03 set. 2017.

GOMES, Antonio Carlos; SOUZA, Juvenilson de. **Futebol: Treinamento desportivo de alto rendimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009. 247 p.

GONÇALVES, Ricardo Rebelo et al. Assessment of Technical Skills in Young Soccer Goalkeepers: Reliability and Validity of Two Goalkeeper-Specific Tests. **Journal Of Sports Science & Medicine**, Coimbra, v. 15, n. 3, p.516-523, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/issues/273720/>>. Acesso em: 5 set. 2017.

MARQUES FILHO, Cesar Vieira et al. O goleiro de futebol: uma visão a partir da praxiologia motriz. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 9, n. 35, p.406-415, jan. 2017.

MATKOVIC, Branka R. et al. Morphological Differences of Elite Croatian Soccer Players According to the Team Position. **Collegium. Antropologicum**, Zagreb, v. 1, n. 27, p.167-174, abr. 2003. Disponível em: <<http://hrcak.srce.hr/file/44241>>. Acesso em: 01 out. 2017.

MOINO, Gustavo Steffanuto. Análise tática da exigência de situações de jogo para goleiros jovens. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 8, p.127-141, maio 2011.

MORTIMER, Lucas et al. Comparação entre a intensidade do esforço realizada por jovens futebolistas no primeiro e no segundo tempo do jogo de Futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p.154-159, maio 2006.

QUEIROZ, Renan Monteiro. **Profissão Goleiro: Da iniciação ao alto rendimento**. São Paulo: Phorte, 2012. 198 p.

RICHARDSON, Roberto Jerry et al. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.a., 2015. 334 p.

SALVO, V. di et al. Performance Characteristics According to Playing Position in Elite Soccer. **International Journal Of Sports Medicine**, [s.l.], v. 28, n. 3, p.222-227, mar. 2007. Thieme Publishing Group. <http://dx.doi.org/10.1055/s-2006-924294>.Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18997646>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SILVA, Ramon Roberto Rodrigues da. **Análise da preparação técnica de goleiros de futebol de campo**. 2006. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Ciências Biológicas da Saúde, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2013/12/ANALISE-DA-PREPARACAO-TECNICA-DE-GOLEIROS.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SOARES, Marcos Paulo Gontijo; SANTO, Luciano Chequini Espírito; RODRIGUEZ, Oscar Sevory Nunes. **Análise das ações do goleiro de uma equipe de futebol no campeonato brasileiro de 2008**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd149/analise-das-acoes-do-goleiro-de-uma-equipe-de-futebol.htm>

THIENGO, Carlos Rogério et al. Perfil antropométrico, aptidão motora e aeróbia de jogadores de futebol profissionais e juniores de Trinidad e Tobago. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Trinidad e Tobago, v. 2, n. 20, p.14-24, jul. 2012.

VERZANI, Renato Henrique et al. O ESTUDO DA ANSIEDADE EM GOLEIROS DA MODALIDADE FUTEBOL DE CAMPO. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Rico Claro, v. 11, n. 4, p.151-158, abr. 2012.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovani Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. **Futebol: História, técnica e treinamento de goleiro**. 2. ed. Porto Alegre: Edipurcs, 2010. 262 p.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovani Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. **Futebol: História, técnica e treinamento de goleiro**. 2. ed. Porto Alegre: Edipurcs, 2006.

WEINBERG, Robert. S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZIV, Gal; LIDOR, Ronnie. Physical Characteristics, Physiological Attributes, and On-Field Performances of Soccer Goalkeepers. **International Journal Of Sports Physiology And Performance**, Haifa, v. 6, n. 4, p.509-524, jun. 2011.

APÊNDICE A - Planilha de registro das ações ofensivas e defensivas

Tempo de jogo	AÇÕES											
	PE	DFB	DFM	DFA	DLDB	DLDA	DLEB	DLEA	ANT	ENF	RCM	RCP
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19												
20												
21												
22												
23												
24												
25												
26												
27												
28												
29												
30												
31												
32												
33												
34												
35												
36												
37												
38												
39												
40												
41												
42												
43												
44												
45												
46												
47												
48												
49												
50												
Total de ações												
Nº do jogo												
Categoria												

Fonte: Autor